

EXISTE UMA LÍNGUA MAIS DIFÍCIL DO QUE OUTRA?

**EVANI VIOTTI
JULIANA ÁNGEL-OSORNO**

Universidade de São Paulo

Essa pergunta suscita algumas outras. Uma língua seria mais difícil do que outra para quem? Para uma criança em período de aquisição de sua língua materna? Para um aluno em seus primeiros anos de escolarização, exposto ao ensino formal daquela língua que ele já fala, já adquiriu em família e na convivência com os amigos? Para um adolescente que está aprendendo uma segunda língua para viajar, ter mais oportunidades educacionais e profissionais? Para um adulto que tem de aprender uma língua estrangeira por pressões de trabalho? Para um refugiado que precisou abandonar sua pátria, sua cultura, sua língua?

De outra perspectiva, poderíamos perguntar quais seriam os aspectos gramaticais indicativos de que uma língua poderia ser considerada mais difícil do que outra: os de natureza fonético-fonológica, ou seja, aqueles relacionados à produção e ao processamento de alguns sons? Os relacionados à morfossintaxe, que envolvem a formação das palavras e das frases? Ou ainda os de caráter semântico-pragmático, associados aos significados das palavras e enunciados? Ou seriam questões de natureza retórica e argumentativa que tornariam os discursos em uma língua menos “transparentes” do que os discursos em outras?

No que diz respeito às perguntas relacionadas ao processo de aquisição de línguas, a literatura que existe sobre o assunto é unânime em afirmar: qualquer criança, em condições físicas e psicológicas suficientes, adquire sua língua materna sem dificuldade, independentemente de qual língua seja. Esse processo de aquisição segue aproximadamente o mesmo passo, em termos de velocidade e fases de aquisição, para todas as línguas. Portanto, não há qualquer evidência de que uma língua seja mais difícil do que outra relativamente ao desenvolvimento natural da aquisição de primeira língua.

Considerando agora o aprendizado formal de uma primeira língua, que acontece quando a criança vai para a escola e é exposta às regras da gramática da língua que ela já fala fluentemente, alguns pontos precisam ser levados em conta, especialmente em países como o Brasil, porque existem diferenças, às vezes bastante grandes, entre a língua que as crianças adquirem em casa e a que elas aprendem na escola. Em casa, durante o processo natural de aquisição, as crianças aprendem uma variedade familiar da língua portuguesa; na escola, elas são expostas a outra variedade da mesma língua — a chamada variedade culta — com a qual elas estão menos habituadas, ou que lhes chega a

ser totalmente estranha ❶. Por isso é comum vermos crianças dizendo que a língua que elas aprendem na escola é muito difícil. Afinal, não é mesmo fácil para uma criança aprender, por exemplo, as desinências de todas as pessoas e tempos dos verbos do português, quando ela não usa boa parte delas em suas conversas cotidianas.

Já no caso do aprendizado de uma língua estrangeira, muitos fatores podem nos levar a pensar que uma língua é mais fácil do que outra. Se tomarmos como exemplo uma situação em que jovens admiradores de *rock*, interessados em viajar pelo mundo, estejam fazendo um curso de inglês, é bem possível que considerem o inglês uma língua fácil. Eles têm muita exposição ao inglês — ouvem música, veem filmes, participam de competições de jogos eletrônicos com jovens dos mais variados países — e têm grande motivação para aprender inglês o mais rapidamente e o mais bem possível. Tudo parece fácil! Por outro lado, quando se trata de adultos aprendendo uma língua estrangeira por pressões de trabalho ou por terem saído de seus países em busca de melhores condições de vida, é provável que eles considerem as novas línguas, quaisquer que elas sejam, bastante difíceis.

Em todos esses casos, as impressões a respeito do grau de dificuldade de uma língua em comparação com outras estão ligadas a fatores de ordem externa a elas, não à complexidade de suas estruturas e gramáticas. Trata-se de questões de ordem social ou cognitiva, que envolvem alguma complexidade para o falante ❷.

Ao abordar o segundo grupo de perguntas levantadas no início deste texto, adentramos a discussão que envolve uma comparação entre línguas com o intuito de determinar se, objetivamente, a gramática de algumas línguas é mais difícil ou complexa do que a de outras ❸. Esse tipo de discussão compara, por exemplo, quantas vogais têm uma e outra língua. O português brasileiro tem sete vogais orais (*pa, pé, pê, pi, pó, pô, pu*) e cinco vogais nasais (*pança, pensar, pinça, ponto, punção*); o espanhol tem apenas cinco vogais orais, sem vogais nasais. Deveríamos considerar o português mais complexo e mais difícil do que o espanhol? Do ponto de vista da morfologia, faz-se, entre outras possibilidades de levantamentos, um cotejo entre as desinências verbais das diferentes línguas. Assim, por exemplo, enquanto o português brasileiro, em sua variedade culta, marca cada pessoa verbal com um sufixo diferente — no presente do indicativo, por exemplo, temos

cant-o, cant-as, cant-a, cant-amos, cant-ais, cant-am — , o inglês, no presente do indicativo, apresenta uma marca diferencial apenas na 3ª pessoa do singular — *he/she/it sing-s*. Será que isso poderia evidenciar que o inglês é mais simples e menos complexo do que o português? No que diz respeito à sintaxe, é possível, por exemplo, contrastar algumas sentenças impessoais do português brasileiro de um lado, com as do inglês e do francês, de outro. Comparem a frase (a) do português brasileiro, com as frases (b) e (c), suas correlatas em inglês e francês respectivamente:

- (a) Tem alguém aqui.
- (b) There is someone here.
- (c) Il y a quelqu'un ici.

Enquanto o português brasileiro deixa a posição pré-verbal vazia (a oração não tem sujeito), o inglês preenche essa posição com *there*, um elemento que tem, do ponto de vista sintático, a função de preencher a posição de sujeito. Mas *there* é prototipicamente um pronome demonstrativo, equivalente a *lá*, o que significa que ele tem uma semântica locativa, deixando transparecer uma ideia de lugar. Em francês, a parte da frase que antecede o verbo abriga dois elementos, cada um em uma posição sintática específica: o pronome *il*, que, como o *there* do inglês, tem a função de não deixar a posição de sujeito desocupada, e uma partícula locativa *y*, que se junta ao verbo. Será, então, que devemos pensar que o francês seria mais difícil e complexo do que o inglês, que, por sua vez, seria mais difícil e complexo que o português? Ou será que devemos adotar uma linha de raciocínio que vai no sentido oposto? Por essa linha, o português poderia ser considerado mais complexo, porque, ao deixar a posição de sujeito vazia, criaria uma estrutura que foge do padrão “sujeito-verbo-objeto”, podendo, em alguns casos, gerar ambiguidade semântica (uma frase como *João diz que [tem um carro extra na casa de praia]*, por exemplo, pode significar tanto que há um carro extra guardado na casa de praia, como que *João* possui um carro extra e que esse carro está na casa de praia). O inglês viria em segundo lugar em termos de complexidade, porque ao usar o pronome *there* para preencher a posição de sujeito, estaria fundindo, em uma única palavra, traços sintáticos e semânticos. E o francês acabaria sendo considerado a língua menos complexa porque teria um elemento — *il* — claramente usado para satisfazer as exigências sintáticas, e outro elemento separado — *y* — especificamente

usado para codificar a semântica locativa que parece estar associada a esse tipo de frase.

Vejam, então, que calcular o maior ou menor grau de complexidade da gramática de uma língua em relação à de outra jamais poderia ser encarado como uma tarefa simples. Além dos percalços que acabamos de descrever, outro dos problemas que advêm desse tipo de comparação é que cada estudo sempre se limita a uma única característica da língua estudada: ou a seu sistema de sons, ou a suas estratégias de formação de palavras e frases, ou à extensão de seu vocabulário etc. ④ Ao optar por qualquer uma dessas características, os estudiosos quase sempre ignoram as demais. Com isso, mesmo que eles consigam, de alguma maneira, provar, por exemplo, que uma língua é mais complexa no que tange à variedade dos sons por ela usados, nada podem dizer a respeito de uma comparação exaustiva da complexidade de uma língua em relação à de outra. Ou seja, mesmo que alguém possa sugerir que o português seja mais complexo do que o espanhol no que diz respeito ao sistema de vogais, nada se pode concluir a respeito da maior ou menor complexidade de uma língua em relação à outra em termos globais. É comum, por exemplo, ouvirmos que o inglês é mais fácil do que o português por causa da simplicidade de sua conjugação verbal, acima exemplificada. Mas quem diz isso normalmente não menciona, entre outras coisas, a complexidade do sistema de vogais do inglês: enquanto o português tem sete vogais orais, o inglês tem doze!

Com o intuito de minimizar a limitação desse método comparativo, alguns pesquisadores sugerem a existência de compensações entre os diferentes módulos da língua: por exemplo, se a sintaxe de uma língua é mais complexa que a de outra, é possível que a semântica dessa outra língua seja menos complexa que a da primeira ⑤. Mas estabelecer a complexidade absoluta de uma língua a partir da comparação entre todos os seus níveis de análise, e, além disso, mensurar a complexidade de uma língua em relação à outra implica a necessidade de uma descrição exaustiva de todas as línguas do mundo ⑥. Embora mais e mais línguas venham sendo registradas e estudadas, a completa descrição de todas ainda está longe de ser atingida.

Por todos esses motivos, embora a comparação entre línguas produza resultados interessantes, a tentativa de objetivamente classificá-las como mais complexas e difíceis ou mais simples e fáceis é, na melhor das hipóteses, infrutífera ⑦.

Recentemente, o assunto tem sido foco de debates no contexto dos estudos das línguas crioulas. Essas línguas emergiram nos territórios coloniais alvo da expansão europeia iniciada no século XV. Elas se formaram a partir do contato de uma ou mais línguas europeias com uma ou mais línguas africanas, ou com línguas nativas dos territórios ocupados ③. De maneira geral, seguindo o viés imperialista do processo de conquista e colonização empreendido pela Europa, as línguas crioulas são agrupadas a partir da língua europeia que majoritariamente entrou em sua formação. Há várias línguas crioulas de base inglesa, como, entre muitas outras, a que é falada na Jamaica, conhecida como *patois*; o *sranan tongo*, uma espécie de língua franca falada no Suriname; e o *gullah*, falado na região costeira da Carolina do Sul e do Norte, da Geórgia e do norte da Flórida, nos Estados Unidos. De base francesa, há, entre tantos, o crioulo haitiano; o crioulo falado na Guiana Francesa; o que é falado na zona rural da Louisiana (Estados Unidos); e o mauriciano, o reunionês e o seichelense, falados em ilhas da costa leste da África que tiveram os franceses como principais colonizadores. Há também alguns crioulos de base portuguesa, como é o caso daquele falado na Guiné-Bissau; aquele falado nas ilhas de São Tomé e Príncipe; e o cabo-verdiano, falado no arquipélago de Cabo Verde. O papiamento, falado nas ilhas caribenhas de Aruba, Bonaire e Curaçao, também é considerado um crioulo de base portuguesa, embora tenha sido bastante impactado pelo espanhol e pelo holandês.

Alguns estudiosos têm procurado defender a ideia de que as línguas crioulas ocupam o extremo mais simples de uma escala de complexidade, opondo-se, assim, às línguas não crioulas, que se localizariam no polo oposto. Essa proposta atribui a suposta simplicidade das línguas crioulas ao fato de elas serem fruto do contato de línguas, e de um processo de aquisição das línguas europeias por falantes de outras línguas que eram fundamentalmente escravizados iletrados ④. Essa ideia, no entanto, não se sustenta. As línguas crioulas são comprovadamente tão complexas quanto quaisquer outras. Apesar de suas gramáticas diferirem das gramáticas das línguas europeias de que descendem, algumas de suas propriedades chegam até a indicar um aumento de complexidade em relação a elas. A título de exemplificação, o crioulo haitiano apresenta algumas características não verificadas em francês (a principal língua europeia presente em sua formação), como a diferença

na distribuição de determinantes definidos e de determinantes indefinidos: os primeiros aparecem em posição pós-nominal (são sufixos nominais), e os segundos, em posição pré-nominal (são morfemas prefixados ao nome). Essa distribuição pode ser vista no contraste dos exemplos abaixo: (a) mostra o determinante definido em posição pós-nominal, enquanto (b) mostra o determinante indefinido em posição pré-nominal ⑩:

(a) patriyot — la kouri
patriota DEF correr
'O patriota correu/fugiu'

(b) mwèn te wè yon — moun
1ps passado ver IND pessoa
'eu vi uma pessoa'

De mais a mais, cada um desses determinantes apresenta várias possibilidades de variação, dependentes do contexto fonológico e morfológico em que se encontram. O determinante definido *la* apresenta as formas variantes *a*, *na*, *lan* e *nan*; e o determinante indefinido *yon*, *on*, *ou* e *you*.

Na verdade, a ideia de que as línguas crioulas seriam mais simples que as demais línguas humanas carrega consigo um viés colonialista e preconceituoso que precisa ser abandonado: aquele que opõe povos "primitivos", cujas línguas seriam simples e fáceis, a povos "civilizados", falantes de línguas mais complexas e difíceis ⑪. Esse é um preconceito antigo que, em alguns momentos da história, parece se dissolver, mas permanece sempre à espreita, buscando uma oportunidade para se manifestar. Neste século XXI, em que temos tido de lutar contra tantas intolerâncias de toda espécie, não podemos deixar que a língua seja mais um instrumento de ataque discriminatório contra etnias, povos e raças.

De um ponto de vista estritamente linguístico, a pergunta sobre uma língua ser mais difícil que outra não é considerada sequer cabível. No processo de aquisição de língua materna, não há diferenças significativas entre o desenvolvimento de uma ou outra língua. A aquisição de segunda língua ou de língua estrangeira pode dar a impressão de que uma língua seja mais difícil que outra, mas essa dificuldade está associada a fatores de ordem pessoal (como a idade do aprendiz, sua

motivação individual), ou a fatores sociais (como dificuldade de acesso aos dados, pressões econômicas, políticas etc.). Quanto às diferenças gramaticais entre línguas, as tentativas de cálculo da complexidade das línguas para efeito de comparação global entre elas são simplesmente inconclusivas. Por isso, alguns consideram que a discussão sobre algumas línguas serem mais difíceis que outras não passa de “lenda urbana” ¹⁰². Talvez. Mas trata-se de uma “lenda” que tem um lado perverso gerador de discriminação. Deve, portanto, ser descartada.